

***Roque Santeiro*: Telenovela como Desfile de Carnaval Eletrônico**

Pretendemos demonstrar que a telenovela *Roque Santeiro*, de Dias Gomes, pode ser vista como uma forma eletrônica das antigas saturnais romanas, como uma espécie de carnaval eletrônico, onde se glorificava a vida, a morte e o renascimento através das inversões dos valores e da ordem disposta. Em nosso entendimento, *Roque Santeiro* seria então uma espécie de carnaval eletrônico, com desfiles e mascaradas, do qual participariam toda a população da fictícia Asa Branca e por extensão todos os telespectadores que assistiam à telenovela.

Vamos também dissertar sobre a obra de Dias Gomes e alguns aspectos de sua vida, buscando demonstrar que ele foi um escritor preocupado essencialmente com a escrita, acima mesmo de sua alardeada opção com a ideologia comunista. Dias Gomes, antes de qualquer cruzada política, se preocupava com a linguagem, buscando discutir a possibilidade de comunicação entre seus personagens ou sua impossibilidade, e com a celebração do riso, fazendo seus melhores escritos no teatro e a na televisão girarem em torno do riso.

Nosso trabalho terá se baseará principalmente nos ensinamentos do pensador russo Mikail Bakhtin, especialmente em seu conceito de carnavalização, e ainda mais especialmente no seu trabalho, *A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento*, em que analisou a obra do escritor francês François Rabelais.

As saturnais eram festas pagãs praticadas na Roma Antiga, nos primórdios daquilo que seria o império romano pelo menos cinco séculos antes de Cristo, e se espalharam pelo mundo ocidental, sendo o carnaval delas derivados. No Brasil, descoberto pelos portugueses em 1500, elas tiveram continuidade como tantas outras atividades do Velho Mundo. Na realidade, a cultura brasileira é fruto da européia, mesclada que seja com a africana e indígena, tendo vindo para cá junto com a língua, pois como vai sugerir Bakhtin, na língua está a cultura. Como demonstração de tal afirmativa, somos o país onde atualmente, ano 2008, se celebra mais intensamente o carnaval em todo o planeta, do qual o desfile das escolas de samba do Rio de Janeiro é apenas o exemplo mais eloqüente. Robert

Stam, teórico norte-americano, afirma que o antropólogo brasileiro “Roberto da Matta descreve o carnaval brasileiro em termos espantosamente semelhantes aos de Bakhtin”.

Roberto da Matta, antropólogo brasileiro com estudos sobre o carnaval brasileiro na sociedade brasileira, sugere o seguinte:

... como o desfile carnavalesco reúne um pouco de tudo – a diversidade na uniformidade, a homogeneidade na diferença, o pecado no ciclo temporal cósmico e religioso, a aristocracia de costume na pobreza real dos atores - ele remete a vários subuniversos simbólicos da sociedade brasileira, podendo ser chamado de desfile polissêmico. (MATTA: 1997, 59).

Para Stam, sempre baseado em Bakhtin, o carnaval é:

... uma celebração coletiva, ao mesmo tempo sagrada e profana, em que os socialmente marginalizados – os pobres, os negros, os homossexuais – assumem o centro simbólico da vida social. O carnaval, pelo menos no seu impulso libertário de seu sistema simbólico (...) é subversor da hierarquia e da alienação, é um momento de catarse coletiva que oferece um gosto transindividual da liberdade. (STAM: 1993, 171).

Bakhtin entende que os ritos e espetáculos, principalmente o carnaval, as obras cômicas orais e escritas em latim vulgar e os vocabulários grosseiros, como os insultos e juramentos populares vão se constituir na essência da cultura popular da Idade Média, se distanciando da cultura oficial, que tinha alto teor do cerimonial da Igreja Católica, que por sua vez, estava sempre alerta contra o paganismo e o riso. O riso registrado por Rabelais e tratado por Bakhtin ainda guarda muito do riso de eras primordiais, que “convertiam as divindades em objetos de burla e blasfêmia” (BAKHTIN: 1993, 5). É um riso universal que atinge a todos, e ambivalente, pois “nega e afirma, amortalha e ressuscita simultaneamente” (BAKHTIN: 1993, 10). O riso, com o Renascimento e ainda mais com o advento final do capitalismo, passará a ser visto apenas como depreciativo, sem outra função senão o de ofender, puramente negativo.

O carnaval medieval guarda muito ainda dos festejos havidos em Roma arcaica, em que se festejava a vida e a renovação da vida através da morte nas saturnais, que foram devidamente domadas pelos dogmas católicos, se limitando a um curto espaço de tempo antecedendo a quaresma. Bakhtin assim vê o carnaval:

A idéia do carnaval foi percebida e manifestou-se de maneira muito sensível nas saturnais romanas, experimentadas como um retorno efetivo e completo (embora provisório) ao país da idade de ouro. As tradições saturnais permanecem vivas no carnaval da Idade Média, que representou com maior plenitude e pureza do que outras festas da mesma época, a idéia de renovação universal. Os outros festejos de tipo carnavalesco eram limitados e encarnavam a idéia do carnaval de uma forma menos plena e pura; no entanto, a idéia subsistia e era concebida como uma fuga provisória dos moldes da vida ordinária (isto é, oficial). (BAKHTIN: 1993, 50).

Bakhtin via o carnaval medieval como a festa da inversão dos valores, onde poderia se brincar com o sério sem as conseqüências usualmente fatais impostas pela Igreja Católica, além de lembrar que a vida é efêmera e que o futuro sempre vem:

Ao contrário da festa oficial, o carnaval era o triunfo de uma espécie de liberação provisória da verdade dominante e do regime vigente, de abolição provisória de todas as relações hierárquicas, privilégios, regras e tabus. Era a autêntica festa do tempo, a do futuro, das alternâncias e renovações. Opunha-se a toda perpetuação, a todo aperfeiçoamento e regulamentação, apontava ainda para um futuro incompleto. (BAKHTIN: 1993, 9).

Na busca da imortalidade, o homem sempre se viu acreditando que era um deus imortal, acima do bem e do mal, soterrando a idéia da morte. O carnaval exercia uma função fundamental para trazer os poderosos à realidade, que iriam morrer como todos, que suas vidas eram tão efêmeras como as de todos.